

A oralidade e suas raízes: fascínio histórico

Cláudia Alves da Silva

Graduanda do 6.º período de Pedagogia noturno

Helânia Cunha de Sousa Cardoso

Professora do Centro Universitário de Patos de Minas - UNIPAM

Resumo

O presente trabalho teve como intento averiguar em que medida as narrativas orais de determinados grupos sociais repetem temática, estrutura organizacional e recursos linguísticos. Diante disso, foi realizado um confronto entre textos orais de diferentes povos e culturas.

Palavras-chaves: Oralidade. Contos. Causos.

1. Considerações iniciais

As narrativas são muito importantes na vida de um modo geral e, em particular, como instrumento capaz de unir pessoas em um *sim* para a paz ou para a guerra. As palavras prescrevem bulas de remédios ou fórmulas de venenos. Em tudo estão as intenções, basta-nos escolher.

A literatura oral, segundo Megale (2003, p.12), é encontrada “sob a forma de poemas, lendas, contos, provérbios, *causos*, canções, assim como nos costumes tradicionais como danças, jogos, credices e superstições”. Pode-se afirmar que todos carregam um acervo imenso de conhecimentos, costumes, ideias legadas pelos antigos, desde os elos mais remotos da vida humana. E é esse acervo que se chama folclore.

Megale, em seu livro *Folclore Brasileiro*, observa ainda que:

Ele [o folclore] traduz ao vivo a alma de uma raça, pois é específico e genuíno no seio de cada povo, distinguindo-o das outras coletividades (...). Ele faz parte de nosso cotidiano, de nossas histórias, desde bebês até a vida adulta com suas cantigas de ninar, seus jogos e receitas culinárias do tempo da vovó. Toda sociedade participa da criação e manutenção do folclore. (MEGALE, 1977, p. 13)

Ainda segundo Megale, essas narrativas “exprimem a concepção do mundo compartilhada pelos membros de uma coletividade e servem para reforçar a solidariedade social e a coesão moral do grupo” (2003, p.49). Já Brandão (1982, p. 34) observa que as narrativas orais, “no correr de sua própria reprodução de pessoa a pessoa, de geração para geração, foram incorporadas ao modo de vida e ao repertório coletivo da cultura de uma fração específica do povo: pescadores, camponeses, lavradores, boias-frias, gente da periferia das cidades”.

Mas não se restringe somente a esses espaços. Tais textos abrem-se a campos mais amplos da cultura popular, sendo disseminados a todos os cantos. Sabe-se que desde os tempos mais remotos, os *causos* são relatados por pessoas que percebem que cada habilidade que possuem é um recurso à disposição para conquistar o respeito e a veneração de seus semelhantes. Usam tais histórias, por intermédio da arte de contar, para entreter aqueles que os cercam e para receber a sua aprovação e admiração. Pouco a pouco, eles tornam-se o centro de atenção popular, pelo prazer que suas histórias proporcionam. Esse prazer dispensado às pessoas é devido à narrativa, pois ela é realizada conforme a plateia.

Nesse sentido, o conto nada mais é do que a maneira simples de explicar o dia a dia de pessoas, suas angústias e preocupações, bem como os anseios, alegrias e tristezas. Tudo isso se torna fácil, sobretudo, quando se exteriorizam problemas arraigados numa alma infantil. O texto é repleto de magia, fantasia, aventura, que fascinam a todos. A história se afasta da realidade, com a intenção de demonstrar uma conduta correta ou apenas de divertir os leitores. Fazem parte da cultura popular e da literatura.

Esta é apenas uma das maravilhas que se pode dizer para iniciar a mágica literária que até então recebia o singelo nome de historinha. Quem é que não se lembra, com um sorriso meio bobo, daquela história contada pela mamãe quando a vida ainda era apenas um brotinho? Ou então no fim do dia, quando se pegava um livro bem grandão com a capa meio rota pela insistência do uso e se dispunha a viajar sem sair do lugar na sonoridade tão doce da voz da professora?

Lembranças, tantas lembranças e todas tão despreziosas, despojadas de segundas intenções; são um campo vasto para pesquisas que buscam elucidar o fascínio que a literatura e a oralidade dos contos exercem no ser humano, desde a mais tenra idade.

Pesquisadores de todo o mundo se debruçam sobre um sem-fim de teorias, como nos diz Bettelheim (1993, p. 13):

(...) Mas através deles pode-se aprender mais sobre os problemas interiores dos seres humanos, e sobre as soluções corretas para seus predicamentos em qualquer sociedade, do que com qualquer outro tipo de história dentro de uma compreensão infantil.

As crianças que ouvem histórias são acalentadas pela voz do contador, rejubiladas pela maravilha das imagens, deixam-se guiar pela luz das verdades essenciais que ali se escondem. Pela satisfação estampada no rosto das crianças, no incrível brilho nos olhos e

na boquinha aberta, quando ouvem os antigos contos de fadas ou os clássicos dos Irmãos Grimm, podemos perceber que sua consciência está sendo povoada pelos “deuses”.

Entretanto, em certa idade, a criança não quer mais contos de fadas, talvez pelo bombardeamento de imagens prontas e sem sentido que o mundo globalizado disponibiliza. Previsíveis e sem nexos, tais imagens deixam de considerar o elo vital, ou seja, a fantasia criadora, desconfiando de objetos mágicos que tudo resolvem, e tornando-se questionadoras e incrédulas. Não que o certo seja que mantenham a inocência da infância, mas o fato é que seria mais louvável respeitar-lhes os interesses sem privá-la do mundo das imagens simbólicas. Nosso papel, como pais, professores e pesquisadores é fornecer subsídios para que os jovens leitores mantenham o fio que os liga ao universo maravilhoso, sem contudo privá-los da construção narrativa.

O vínculo de ancestralidade especial de gerações, da qual fizeram parte nossos avós, está se perdendo, e com o passar do tempo a tradição também vai perdendo força, tornando-se desconhecida para as novas gerações. Provavelmente, a magia das narrativas tão peculiares de épocas sem *internet* e sem tanta sofisticação tenha sido encoberta pela pátina do tempo. Isso com certeza levanta questões preocupantes: a oralidade deve ser resgatada? O que sabemos sobre os contos na vida cotidiana? Qual o significado dos contos para a construção do imaginário infantil?

Segundo Bettelheim (1993, p. 17), “para que uma história realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar sua curiosidade. Mas para enriquecer sua vida, deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e tornar claras suas intenções”.

Estas e tantas outras questões são alvo de pesquisas de muitos historiadores que têm buscado esclarecer pontos importantes sobre formas de expressão oral e escrita, de narrativas verídicas ou de invencionices, todas elas de países diferentes, bem como de regiões as mais diversas.

Nas cerimônias diante de fogueiras, em rituais de palavras, em que um contador de histórias era tido como sábio detentor de sabedoria milenar, é que se encontra o respaldo para que se revitalize a oralidade, visto que as palavras são, como nos diz Manoel de Barros (1985, p. 9): “é como montar alicerces de uma casa sobre orvalho”, ou seja, é o mesmo que carregar água em uma peneira, revelando algo cujo valor não é mensurável ou palpável. É um trabalho que se encontra fora da lógica rotineira e previsível, mas que mantém seu inegável valor, já que falar é uma das primeiras coisas que fazemos desde o nascimento. Emitimos sons que vão se transformando, à medida que incorporamos novas palavras na busca de nos fazer entender, como forma de conseguir aquilo que queremos.

Eis aqui o ponto culminante deste trabalho, a palavra que funciona como poderosa fonte de formação de sensibilidade e de ampliação de nossa visão de mundo. Usamos as palavras como se estivéssemos “destecendo” um novelo para mais adiante tecer nova rou-

pagem, com mais cores e pontos, fazendo uma trama em que cada nó se liga ao outro e que sozinho não seria capaz de cobrir nada.

É inegável o poder da palavra, o fascínio que exerce sobre as crianças e sobre os adultos. Afinal quem é que nunca sonhou ser Cinderela e usar sapatinhos de cristal, ou ser Peter Pan e viver na terra do nunca? Tudo isso faz parte da construção da oralidade e faz parte do universo literário, em que articular a expressão oral e escrita em forma de narrativas torna-se um elemento poderoso para a formação linguística da criança, futuro leitor e contador de histórias. Visto que ninguém se torna leitor fora de um contexto cultural em que há influência de diversas culturas, vemos que a tessitura alinhava contos, lendas, causos, histórias dos mais diversos lugares, fazendo com que os saberes se tornem cada vez mais ricos, com elementos diversos.

As palavras, então, escorrem céleres nos contos, derramam-se em olhares, esparramam-se em sentimentos, emoções, recordações, visões e propósitos. As palavras precisam ser respeitadas dentro de cada narrativa com suas particularidades, elas precisam descansar ao fim de cada conceito, recobrando forças, antes de iniciar outra história. Quando lapidadas pela sensibilidade e pela intuição, tornam-se como um tropel ritmado de cavalos alados sobre nuvens de algodão.

Diante do exposto, a presente pesquisa teve como objetivo geral verificar em que medida as narrativas orais de determinados grupos sociais repetem temática, estrutura organizacional e recursos linguísticos. Nesse sentido, propusemos um paralelo entre textos orais de diferentes povos e culturas. Como objetivos específicos, tentamos identificar os elementos particularizadores das histórias de nossa tradição oral, em relação a outros espaços culturais, bem como valorizar a literatura oral como suporte para a formação cultural de nossos educandos.

O *corpus* da pesquisa foi constituído pelo acervo de *causos* organizado em pesquisa anterior, pelo saudoso Prof. Ms. Sérgio Celani Leite, no ano de 2000, como trabalho de iniciação científica dos alunos do curso de Pedagogia, e por narrativas da literatura oral, publicadas no Brasil, conforme referência bibliográfica apresentada.

Partimos da leitura dos causos e da audição do relato dos mesmos, gravados na época da pesquisa. A seguir, foi feita a leitura de narrativas pertencentes à tradição oral de diferentes países e épocas, as quais circulam em nosso meio, para que se procedesse a um paralelo entre esses textos.

A última etapa da pesquisa previa, inicialmente, a organização de um Projeto de Contação de Histórias, para ser executado como atividade de extensão na Ludoteca do UNIPAM e em uma escola da rede pública do município de Patos de Minas. Devido à disponibilidade da pesquisadora, o Projeto não foi desenvolvido na Ludoteca, conforme previsto, mas houve apenas a apresentação das narrativas “O vale das cabaças uivantes”, de Oliveira Melo (1992, p.12) e o caso da pescaria de Olavo Romano (1984, p. 32) que pertencem ao acervo popular de nossa região.

Quanto à escola pública, houve a apresentação de causos regionais paralelamente à confecção das brincaixinhas onde os mitos regionais foram colocados. Sacis, Mula sem cabeça, lobisomem – tudo isso comprovou que a oralidade tem nuances regionais de ancestralidade.

Na referida escola, os alunos puderam observar que as narrativas da tradição oral são criações populares feitas por autores anônimos (sem renome ou diplomas), que sobreviveram e se espalharam devido à memória e à habilidade de seus narradores que, de geração em geração, incumbiam-se de manter viva a tradição. Essas narrativas são histórias que se prendem ao imaginário popular ou à memória coletiva.

Os elementos usados são quase sempre invenções personificadas em homens ou mulheres que se transformam em monstros. Com uma técnica de exposição simples, essas narrativas seguem uma sequência lógica, descrevendo lugares, quase sempre cidadezinhas comuns ao cotidiano do ouvinte, mas sem grandes pormenores, em que a ação principal vai até o final. Por exemplo, o lobisomem se transforma em noite de lua cheia e persegue a mocinha. O propósito principal da narrativa é prender a atenção do ouvinte ou leitor a ponto de contagiá-lo (esbugalhar os olhos), para levá-lo a uma participação apreciativa durante a narração ou leitura.

Para manter a atenção, o contador sempre usa inflexões de voz, expressões fisionômicas e gestos para realçar os pontos altos da história. Assim é possível perceber que oralmente há interferências, e o contador *pode e muda* a narrativa como e quando lhe convém, ou seja, olho no olho, para estender ou encerrar a narração.

Ao se pesquisar essas histórias regionais e transcrevê-las, é possível perceber a troca de saberes, instigando os ouvintes/leitores a participarem como protagonistas no diálogo que se estabelece. Nesse sentido, a figura do contador ou contadora de histórias é de suma importância na transmissão e na manutenção da memória coletiva, pois os contos populares imprimem uma brasilidade sem repertório de narrativas tão ricas.

Em relação ao paralelo entre as narrativas, observamos que, nas narrativas latino-americanas que têm influências indígenas, é possível perceber também a presença dos seres mágicos que têm poderes, mas que, quase sempre, estão em forma de seres comuns da natureza como pássaro, gambá e outros. Portanto, não se transformam e mantêm suas características físicas. Servem como condutores da história capazes de mostrar ou esclarecer sobre as dúvidas presentes no cotidiano como, por exemplo no conto: “A história de laçá”, em que se explica a origem do arco-íris; ou, ainda, no conto “Os pássaros em cores”, que fala das cores das penas e do sentimento de inveja. No conto “As manchas da lua”, os protagonistas são pessoas comuns, com hábitos simples, que buscam em elementos da natureza uma maneira ou pretexto para justificar sua má conduta (incesto), diminuindo a culpa com a ajuda de seres com poderes imaginários. Assim vemos que fatos reais são recobertos por explicações fantasiosas do imaginário do contador, que busca, por meio de recursos linguísticos, prender e encantar o ouvinte/leitor.

Quanto à estrutura dos textos, esta segue um padrão literário com início, meio e fim, fazendo uso da língua padrão e de toda a pontuação necessária ao entendimento social. Talvez aqui seja bom ressaltar que a compilação que tem o objetivo apenas de editar as histórias, para que sejam impressas em inúmeras cópias, esteja tão isenta da emoção que é imprescindível para encantar o leitor.

Outra questão observada nas narrativas regionais são os erros de ortografia ou de pronúncia. Percebemos que não há uma preocupação com a norma padrão exigida e, sim, com a fluência e com a beleza da história em si, com a simplicidade do narrador que quer apenas encantar e divertir. Há uma expressividade despreziosa, tão agradável, que faz com que os “erros” não tenham tanta importância. As gargalhadas ou aquele sorriso de canto são como uma volta às origens, trazem lembranças que estão guardadas bem lá no fundo de nossa memória, tão assoberbada pela vida moderna.

O contraste entre as narrativas aqui citadas é grande, sendo inegável que todos esses contos, se bem trabalhados em todos os seus aspectos, podem exercer o seu fascínio tanto na mente da criança quanto na do adulto, concorrendo assim com os meios de comunicação mais modernos e sofisticados. Podem, também, contribuir para a abertura de um canal profundo de diálogo, visando proporcionar a cada leitor o conhecimento de seus sentimentos, esclarecendo suas dúvidas na medida em que se desenvolvem como pessoas.

A literatura ou leitura dos diversos gêneros funciona como uma poderosa fonte de formação de sensibilidade e de ampliação de nossa visão de mundo. No livro *Contos de Fadas Indianos* estão presentes elementos como leão, serpentes, águias, que são comuns em fábulas e fazem parte do repertório de contos de origem latino-americanos. Esses são capazes de falar e participam das narrativas como seres dotados de força e coragem interior, vencem perigos que os homens não conseguiriam vencer. Resolvem problemas aparentemente impossíveis, desfazem encantamentos e tudo mais que seja necessário para um desfecho desejável.

Os conflitos familiares estão presentes na maioria das narrativas, o que é bastante comum, pois, em qualquer sociedade, sempre há mães e madrastas, irmãos e filhos adotivos. Questões de difícil resolução, muitas vezes, buscam dentro das histórias por meio de personagens sob a forma de animais, adivinhas, encantamentos e outras classificações, nada mais nada menos, do que uma maneira mais fácil de chegar ao final feliz.

Nos contos indianos pode-se notar ainda uma presença constante de riquezas, palácios, lindos jardins, muitos criados, príncipes e princesas, e também bruxas e bruxos que persistem na figura do mal. Aqui cabe salientar que essa estrutura narrativa faz parte de como determinado povo vê a vida. Podemos notar também que a morte está sempre presente, mas de maneira velada, como no conto “Punchin”, em que todos que se opõem às vontades do bruxo são transformados em pedra. Nessa narrativa, há uma ligação com o conto da “Bela Adormecida”, dos Irmãos Grimm, quando a heroína dorme por muito tempo até que um príncipe apareça.

De certa forma, este desejo de que todos os que se oponham às vontades do ser humano possam ser “castigados” está presente em todas as narrativas, seja qual for sua origem. Os contos são maneiras prazerosas de experimentar a vida, embora fictícia e cheia de mazelas, para se resolver questões interiorizadas que lançam mão de recursos fantasiosos possíveis ou imaginários próprios de cada cultura.

Nos contos indianos, percebemos que o início é sempre com berço de ouro, próprio do modo de vida do oriente, tão cheio de riquezas. Nessa cultura o homem tem o poder de mudar o destino, interfere de maneira velada por meio de elementos mágicos, sob a forma de animais ou bruxos, tendo o poder de atingir um ideal, e isso o torna mais que homem, talvez algo divino, que precisa romper limitações impostas pela natureza.

Já que poderes não temos, pelo menos na esfera concreta, sempre existe a possibilidade de os termos no plano fictício, imaginário, e isso é facilmente perceptível em qualquer cultura, seja letrada ou não. Assim, para se apaixonar é preciso apenas ler e viajar nas narrativas de sua escolha. Há sempre encantamento onde quer que se busque este prazer, pois a literatura e a oralidade são uma poderosa fonte de formação de sensibilidade e de ampliação de nossa visão de mundo.

2. Considerações finais

Ao longo da pesquisa, percebemos que a possibilidade de realizar estudos relativos à estrutura de contos e *causos* contribui para a construção de sentidos e abrange a multiplicidade de linguagens que transcende épocas medievais, templos gregos e egípcios, casebres mineiros, rituais indígenas e tantos outros. No contexto de estudo e de aprendizagem, é possível ser mediadora na relação leitor/ouvinte trazendo à baila algumas constatações interessantes e significantes.

Ninguém se torna leitor fora de um contexto cultural, no qual o livro e a leitura têm uma importante presença. Cabe aqui ressaltar que os contos regionais são partes do cotidiano brasileiro e seus desdobramentos estão por todos os cantos. Eles são uma constante em nossas vidas, estão incorporados muitas vezes sutilmente, na história de cada um e fazem parte desde a mais tenra idade, quando ler e contar histórias se torna a linguagem do carinho e do amor. A voz humana, narrando fantasias e emoções, entra no coração e fica na imaginação de cada um, de maneira única, imprime sensações e transforma-se na herança mais preciosa que podemos deixar para as novas gerações.

Não há como ignorar a importância da oralidade no nosso cotidiano. A presença de influências de diversas culturas, as associações de lendas, mitos e contos favorece a construção e o desdobramento do imaginário, e este se apresenta como um dos mais ricos objetos de estudo para pesquisadores apaixonados pela literatura e pela arte.

Procurar conhecer e integrar os *causos* regionais de maneira inteligente e produtiva na vida pode contribuir para que crianças e jovens se tornem leitores críticos e sensíveis não só olhando de frente, mas também se apropriando da essência desses referidos *causos*.

Portanto, percorrer os caminhos da arte na oralidade é uma tarefa possível. As palavras soltas ao sabor do vento transformam a prática da linguagem. Fazemos uso destas em diversas situações, às vezes até sem perceber, e são elas que ditam o ritmo de tudo, estabelecem comunicação com o inconsciente, com o imaginário, como linguagem tecida de sonho, fantasia e memória.

Com muitas dessas palavras estamos acostumados, elas nos levam de volta ao tempo em que éramos criança (era uma vez...), outras trazem novidade (ele se transformou num...). É preciso combinar o som das palavras, entregar-se à obra e falar com paixão, engravidar-se de intuição oral, ideia, imagem ou história. É preciso ter um tempo, para que não se perca o talento de um contador com ansiedades. Dedicar-se ao estudo de contos, lendas e mitos é uma tarefa para pesquisadores apaixonados, capazes de perceber a conexão existente em narrativas regionais, dentro de casebres mineiros, templos gregos, construções egípcias ou tendas indígenas. Em cada um desses segmentos estão presentes as palavras e estas escorrem céleres nos contos, derramam-se em olhares, esparramam-se em sentimentos, emoções, recordações, visões e propósitos.

Referências

- ANDERSEN, Hans Christian. *Contos de Andersen*. Trad. Guttorm Hanssen. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, 136 p. (Coleção Leitura)
- BARROS, Manoel de. *Livro das Pré-Coisas*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1985, 221p.
- BRANDÃO, C. R. *O que é o folclore*. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1982. 111p. Coleção Primeiros Passos.
- BETTELHEIM, B. *Psicanálise dos contos de fadas*. São Paulo: Paz e Terra, 1993. 120p.
- BOCCACCIO, Giovanni. *O Decamerão*. Trad. Raul de Polillo. Rio de Janeiro: Tecnoprint S. A., s/d, 528 p.
- CASASANTA, Lúcia Monteiro. *As mais belas histórias - comunicação e expressão*. 2ª série, 1º grau. 118 ed. São Paulo; Editora do Brasil/ Rio de Janeiro: FENAME, 1976, 163 p.
- CASASANTA, Lúcia Monteiro. *As mais belas histórias - comunicação e expressão*. 3ª série, 1º grau. 88 ed. São Paulo; Editora do Brasil/ Rio de Janeiro: FENAME, 1976, 222 p.
- GONTIJO, Silvana. *O livro de ouro da comunicação*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.
- GRIMM, Jacob & Wilhelm. *Contos e Lendas dos Irmãos Grimm - Chapeuzinho vermelho e muitos outros contos*. Trad. Iside M. Bonini. Rio de Janeiro: Tecnoprint S. A., 1968, 206 p. (Edições de Ouro)
- JACOBS, Joseph. (org.) *Contos de fadas indianos*. Trad. Vilma Maria da Silva. São Paulo: Landy Editora, 2001, 248 p.
- JURADO FILHO, Lourenço Chacon. *Cantigas de roda – jogo, insinuação e escolha*. Campinas: UNICAMP, 1986, 182 p. (Série Teses)

MASSARDIER, Gilles (org.). *Contos e lendas da Europa medieval*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, 224 p.

MEGALE, Nilza Botelho. *Folclore Brasileiro*. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 1977, 274 p.

MELO, Antonio de Oliveira. *Patos de Minas Centenária*. Patos de Minas: Prefeitura Municipal, 1992.

SAUTEREAU, François (org.). *Contos e lendas do nascimento de Roma*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, 60 p.

ROMANO, Olavo. *Minas e seus causos*. São Paulo: Ática, 1984.

TAHAN, Malba. *Novas lendas orientais*. 3 ed. Adapt. e notas de Breno Alencar Bianco. Rio de Janeiro: Conquista, 1965, 222 p.

Pastas e fitas cassetes contendo as narrativas organizadas pelo Prof. Ms. Sérgio Celani Leite.